



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

PROMOÇÃO DA SAÚDE E CUIDADO COM IDOSOS: APRENDIZADOS PELA EDUCAÇÃO POPULAR

Área temática: Saúde

Elina Alice Alves de Lima Pereira¹; Íris de Souza Abílio²; Bruno Oliveira de Botelho³

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Graduanda em Direito, extensionista do Programa Práticas Integrals de Promoção da Saúde na Atenção Básica – PINAB;

² Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Graduanda em Terapia Ocupacional, extensionista do Programa Práticas Integrals de Promoção da Saúde na Atenção Básica – PINAB;

³ Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Graduado em Fisioterapia, Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), UFPB, colaborador voluntário do Programa Práticas Integrals de Promoção da Saúde na Atenção Básica – PINAB;

Resumo: O presente artigo objetiva discutir algumas dimensões teóricas que chamaram a atenção e se apresentam como estratégias para os estudantes do Programa de Extensão Universitária “Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica - PINAB”, atuarem em uma instituição de longa permanência de idosos. A atuação se deu com base nos princípios teórico-metodológicos da educação popular, buscando através da promoção da saúde, cuidado, empoderamento e troca de saberes, ressignificar a rotina e o papel social do idoso no ambiente institucional. Essa experiência contribuiu para formação dos estudantes que puderam exercer a promoção da saúde não apenas levando em conta o adoecimento biológico, mas assumindo a postura de educador-educando, comprometidos com o processo de libertação como um ato político de luta importante. Buscando garantir que o sujeito se empodere para a tomada de decisões, rompendo seu isolamento social para multiplicar os agentes de transformação.

Palavras-chave: Idosos; Extensão popular; Promoção da Saúde

1. Introdução

Desde a criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) em 1987, a Universidade Pública vem ganhando, no

ISBN: 978-85-93416-00-2





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

que se refere à aplicação do conhecimento acadêmico, um caráter um tanto quanto diferente daquele, predominantemente, elitista construído ao longo das décadas anteriores. A Extensão Universitária tem se tornado uma valiosa ferramenta para incorporar a importância de uma retribuição à sociedade civil que sustenta a academia. Isto não visa levar a universidade a substituir funções de responsabilidade do Estado, mas sim produzindo saberes, tanto científico e tecnológico, quanto artísticos e filosóficos, tornando-os acessíveis à população, contribuindo em seu processo de desenvolvimento (FORPROEX, 2007).

Neste percurso, desvela-se também, como possibilidade no campo da Extensão Universitária, outra forma de se fazer a Extensão. Uma forma que se diferencia das outras por seu modo de fazer, sua fluidez em compreender a realidade e atender as necessidades, enquanto provoca uma consciência crítica pelo diálogo entre o popular e o dito erudito. A Extensão Popular, como hoje é conhecida, coloca-se conceitualmente distanciada da extensão conservadora, adotando a perspectiva da realização de um trabalho contrário ao serviço mercadológico para retorno financeiro, ou assistencialista, mas, compreendido como um trabalho socialmente útil com a intencionalidade de gerar processos de mudança na direção da justiça social (MELO NETO, 2006). Atender as necessidades dos excluídos, buscando provocar protagonismos inseridos em um contexto social, político e econômico muitas vezes vulnerável, indo em contrapartida ao modelo hegemônico da sociedade.

A Extensão ao se definir Popular, mesmo tendo origem em uma instituição de ensino considerada elitista e hegemônica, coloca à frente uma clareza em sua posição na sociedade, onde ser Extensão Popular é ter um papel político voltado à defesa dos interesses dessas maiorias e ser sinergista na produção de alternativas contra hegemônicas e, normalmente, criativas capazes de compor um movimento de luta por cidadania.

Sendo assim, a Educação Popular (EP) é um campo que possibilita este conflito entre saberes, e é nesta direção que ao longo dos anos vem se desenvolvendo nas universidades através das Extensões Populares. A EP, sistematizada por Paulo Freire,



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

permite aos sujeitos se encontrarem em relações profundas mediatizadas por qualquer meio que possam vir a se encontrar, com uma compreensão educacional promovida não necessariamente através do método Freiriano, mas a partir de seu olhar. Uma compreensão de mundo que geram processos duradouros e permanentes de construção, procurando criar condições para que os sujeitos assumam sua própria realidade, fortalecendo a construção das práticas do cuidado, da participação social, emancipação, enfrentamento, vínculo, construção do saber compartilhado, norteados com base na integralidade, horizontalidade e empoderamento (VASCONCELOS, 2011, Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência).

Nessa perspectiva há o Programa de Extensão Universitária “Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica - PINAB”, cujas ações desenvolvidas são inspiradas pelos princípios da EP. O PINAB, vinculado aos Departamentos de Promoção da Saúde e Nutrição da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é um programa que atua no bairro do Cristo Redentor, João Pessoa-PB, abrangendo neste território as comunidades Jardim Itabaiana, Boa Esperança, Pedra Branca e Bela Vista.

Quando observamos suas características no âmbito universitário, temos em suas práticas uma forte indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão a partir do desenvolvimento de cada frente de atuação. Percebe-se desta forma uma contribuição na formação profissional com posturas tanto críticas quanto humanísticas, o que favorece espaços de discussão e de exercício de práticas para promoção da saúde de forma integral e interdisciplinar. As experiências, inquietações e reflexões vivenciadas vêm incentivando a práxis em seu cotidiano, inclusive pela sistematização das ações nas mais diversas formas de produção científica como artigos publicados em periódicos, monografias de conclusão de curso, tese de doutoramento, livros e apresentações em congressos. Ademais, há a preocupação da articulação com atividades de ensino, na medida em que promove uma disciplina complementar obrigatória no curso de Medicina da UFPB, com o tema: "Práticas Integrals de Educação e Promoção da Saúde" e um Curso de Extensão construído a partir de reflexões e vivências da Articulação



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Nacional de Extensão Popular (ANEPOP), intitulado “Educação Popular na universidade”.

O Programa envolve graduandos de diversos cursos e dispõe das seguintes frentes de ação: Horta na Unidade Básica Vila Saúde, Terapia Comunitária, HiperDia, Brincando com a mente, Grupo de Caminhada e Fórum de Segurança Alimentar e Nutricional, construídas junto aos comunitários; profissionais, residentes médicos e multiprofissionais da Unidade de Saúde da Família do território; estudantes e docentes coordenadores. Dentre essas atividades, o PINAB atua também em uma instituição de longa permanência de idosos, chamada ASPAN (Associação Promocional do Ancião Dr. João Meira de Menezes), localizada na comunidade Jardim Itabaiana, onde acontece o grupo de trabalho com idosos, através de ações da EP em Saúde como uma das frentes de promoção e cuidado. O presente artigo tem como objetivo detalhar e discutir a metodologias e ideologias estabelecidas ao longo da caminhada desse trabalho.

2. Material e Metodologia

A atuação na ASPAN acontece aos sábados no turno da manhã, sendo organizado por extensionistas de diversos cursos das instituições de ensino superior públicas e privadas. Aos estudantes, os objetivos do grupo é uma formação universitária diferenciada, sensível e humanizada, com jovens que se preocupam com a realidade social, assumindo papéis importantes para a emancipação social, construindo estratégias e conhecimentos que viabilizem uma educação libertadora. Para tanto, incluímos reuniões teóricas que dão este suporte, bem como planejamento compartilhado das ações, nos qual discutimos quais caminhos e metodologias serão abordadas, além de repasses e avaliações em conjunto ao programa.

Ao contato com os idosos, somos sempre inclusivos para compreender e abranger as singularidades de cada sujeito na instituição, além de fazer cada momento ser notado através de levezas presentes na música, no toque ou no olhar. Ao iniciar com cumprimentos aos cuidadores e idosos residentes, os convidamos para um dia diferente, que transforma a rotina.





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Na instituição, os idosos mais em dependência integral de cuidados costumam ficar restritos aos dormitórios, raramente presentes nas áreas externas, mas mesmo os idosos autônomos, livres para transitar pelas áreas coletivas, ocasionalmente se encontram indispostos, ficando em ambientes privados, vivenciando momentos de solidão.

Por esta razão, costumamos dividir nossa atuação em dois tipos: as atuações prioritariamente coletivas e as prioritariamente individuais. Nas coletivas, fazemos um grande evento nos espaços comuns para abranger a maioria dos idosos da instituição lá presentes – um show, uma exibição ou um mutirão -, atividades que tenham que interagir conosco, um com o outro e com os cuidadores da instituição. Já as atividades prioritariamente individuais, consistem em nos dividir entre todos os idosos da instituição e realizar algum tipo de ação direcionada para aquele sujeito, ou pequenos círculos de amigos, com um planejamento bem maleável, enxergando-o de forma integral. Um contato mais íntimo, explorando a construção de laços afetivos. Entretanto, em ambos os tipos de atuações, seja a coletiva ou individual, sempre fazemos um contraponto. Em dias prioritariamente coletivos, cumprimentamos todos os idosos nos dormitórios individualmente, trocando palavras e carinhos, fazendo convites ou, sempre que possível, trazendo uma parte da atividade para que pudessem fazer conosco em seus quartos. Bem como, nos dias prioritariamente individuais, fazemos um momento coletivo, como uma música de boas-vindas ou despedida.

Independente das variadas atividades que chegamos a promover – oficina de pintura, oficina de vaidade, dinâmicas de estimulação de memória multissensorial, apresentações de palhaçaria, apresentações musicais, show de talentos, eventos comemorativos de São João, Natal e entre outros -, fizemos como opção metodológica algumas dimensões que nos chamam atenção por serem sempre presentes no cotidiano deste trabalho. Estas dimensões em destaque se apresentam como estratégicas para a construção cotidiana da Promoção e do Cuidado à Saúde nas ações do grupo, bem como foram orientadoras centrais de nossa ideologia.

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

São elas: Diálogo, Amorosidade, Problematização, Construção compartilhada do conhecimento, Emancipação e o Compromisso com a construção do projeto democrático e popular, todos princípios da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEP-SUS), com a qual trabalhamos dentro da Educação Popular. Além disso, o Resgate da Memória e as potencialidades do Encontro Intergeracional e a espiritualidade são elementos que sempre permeiam os trabalhos práticos que promovemos.

A partir de experiências vivenciadas junto à comunidade, emergiram uma série de questionamentos motivados por nossa *práxis*. Assim, através das dimensões anteriormente citadas, apontaremos várias relações das mesmas com o questionamento mais presente neste percurso: *Como a promoção da saúde e valorização do outro podem desenvolver um movimento de luta e transformação social através do meio acadêmico?*

Para nos responder esta questão, começamos a nos debruçar sobre um ponto central: a *Promoção da Saúde* como princípio que trabalha a *autonomia* do sujeito e a *participação popular*. Acreditamos que, ao comunicarmos a Promoção da Saúde com nossos eixos ideológicos, fizemos avanço em promover reflexões importantes sobre nossa pergunta geradora. Bem como, faz parte de nossos objetivos mobilizar, no 7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, discussões sobre *qual o papel do ensino, da extensão e pesquisa, na realização de um novo modelo de sociedade*.

3. Resultados e Discussões

De acordo com a Carta de Ottawa, Promoção da Saúde é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. A Promoção é, portanto, um exercício de Autonomia do sujeito sobre sua própria Saúde, sendo a Autonomia uma categoria amplamente trabalhada pela Educação Popular.

Nosso trabalho busca a construção da autonomia para que os indivíduos participantes da prática educativa se percebam sujeitos capazes de, no exercício de sua

ISBN: 978-85-93416-00-2



Apóio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

palavra e de sua ação, transformar o seu entorno. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p.78).

Em nossa atuação na instituição de longa permanência, a maioria das nossas atividades acontece no pátio, local no qual se encontra alguns dos idosos em estados de maior vulnerabilidade. A escolha de incluí-los é ideológica e estava presente antes mesmo de nossa chegada à instituição pela primeira vez. Durante os primeiros contatos, ouvimos o relato de um grupo que atuava no local, de que estes idosos “não eram capazes” de estabelecer interação, nem de se fazer participante, e por esses motivos nenhum dos vários grupos voluntários que visitam a instituição realizam atividades com os mesmo. Portanto, emergiram muitas inquietações para, posteriormente, negar o modelo de trabalho que vinha sendo realizado ali até então.

Com isso, ao chegar, nos deparamos com um espaço repleto de fragilidades, com pessoas acometidas por patologias físicas e psíquicas, como nos foi alertado, mas acima de tudo nos deparamos com “GENTE”, as quais as potencialidades urgiam em ser descobertas, assim tivemos a certeza que era com eles que nosso trabalho precisava ser focado.

Como bem explicita o cenopoeia e educador popular ao sentir a humanidade dos esfarrapados do mundo:

[...] bocados de molambos molhados manchando o chão. Bocados de molambos molhados manchando o chão [...] mas o que tinha dentro era gente ainda, era gente ainda [...] mas o que tinha dentro era gente ainda, era gente ainda [...] (LIMA, 2009, p. 65-67)

Sentimos que a tendência a interagir com idosos mais autônomos é algo comum. Isto se dá não porque os menos autônomos são incapazes de serem participativos, mas porque eles são incapazes de serem participativos nas dinâmicas não equânimes, que são idealizadas verticalmente antes mesmo da descoberta de cada individualidade. Sendo assim, onde antes existiam molambos molhados que mancham o chão, podemos enxergar Gente capaz de colorir sua volta.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

No ocidente, as pessoas tendem a ter dificuldades na desenvoltura de seu afeto quando estão próximas aos moribundos. Possuem dificuldades em demonstrar carinho mediante um toque de ternura ou transpor qualquer barreira que nos lembre da efemeridade humana. Assim, a separação involuntária ou não, a que os moribundos são submetidos, provoca neles a sensação de não pertença e de exclusão.

Elias (2001) nos exemplifica esta questão mostrando que este afastamento silencioso, semiconsciente ou não, dos vivos em relação aos moribundos perdura mesmo após a morte. As tarefas e objetos para os funerais são deixados a cargo de empresas especializadas, quando outrora eram atividades executadas pela própria família. Na maioria dos casos, os idosos institucionalizados se veem compelidos a reconstruir do zero seu cotidiano, sem mais contar com as redes de apoio familiar. Isto, para quem vivencia o envelhecimento, pode ser um evento um tanto complexo. É neste momento que podemos analisar a Instituição de Longa Permanência de Idosos enquanto um equipamento da sociedade civil. Este tipo de Instituição no Brasil, apesar de todos os seus méritos, encontra-se como alvo frequente de abandonos familiares e completo isolamento do sujeito no exercício de sua participação social.

De acordo com o estatuto dos idosos (BRASIL, 2006), manter-se participativo é uma das formas que possibilita um envelhecimento socialmente ativo, “promovendo a participação do idoso nas atividades comunitárias, de caráter interno e externo”, e mantendo sua autonomia e independência. Consideramos então a participação como, não somente a capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho, mas o desenvolvimento contínuo nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis.

Goffman (1992), ao analisar estas instituições por este ângulo utiliza o termo “morte civil”. Ou seja, despojados de seu papel social, dos direitos à cidadania pela ruptura dos laços familiares, de trabalho, amigos, cultura, privacidade e as relações com o mundo como parte dele, o idoso vive sua última etapa de vida na instituição entre o aborrecimento e a melancolia.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Para promover a saúde, portanto, no grupo de saúde com os Idosos, tínhamos sempre a preocupação em *como transformar este quadro*, visando não só a saúde biológica, mas um quadro social que envolve a autonomia e a participação do sujeito em sua própria realidade.

Este posicionamento foi inspirado ao dialogar concepções da educação popular com as da promoção da saúde, trazendo o olhar freiriano para interpretar e aplicar os pressupostos descritos na carta de Ottawa. Reconhecer a capacidade nas pessoas, valorizando a equidade e, ao mesmo tempo, a diversidade, optando por metodologias inclusivas e não exclusivas.

Nesse espaço, nosso principal desafio foi o de encontrar metodologias que envolvesse todo esse público dotado de singularidades. Nas nossas ações, as limitações físicas nos impediam de utilizar atividades que envolvessem deslocamento; a presença de deficientes visuais e auditivos impedia de explorar recursos com imagem; e devido aos níveis elevados de perda de cognição e memória da maioria dos presentes, as atividades de estimulação cognitiva deveriam ser muito bem pensadas para alcançar a todos. Mas não foi a dificuldade que nos fez desistir, junto a eles conseguimos encontrar possibilidades e saídas onde todos participassem dentro de suas disposições e interesses. A instituição reagiu com bastante estranhamento (não negativamente, mas era realmente diferente) à nossa incessante tentativa de romper com os limites pré-estabelecidos. Uma contemplação mais subjetiva era perceber como os trabalhadores que tinham atribuições na cozinha (local mais próximo) e responsáveis pela higiene pessoal e individual daqueles idosos nos observava. As reações eram variadas, haviam sorrisos disfarçados e semblantes preocupados, que perguntavam a si mesmos se iríamos dar conta do que estávamos nos propondo, ou se era a inexperiência que nos levava a insistir onde muitos falham.

A iniciativa de realizar esse trabalho com esse público foi importante para a quebra do estigma que pairava, para mostrar a cada integrante ali presente o tanto de coisas boas que essas pessoas possuem para compartilhar. Incentivar a participação e interação entre os todos - trabalhadores, usuários ou direção -, buscando bem estar e aos

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

poucos tentando (re)significar uma rotina, mas não a rotina de uma instituição uma vez relatada a nós como: “*dias todos iguais; a segunda é igual a terça, que é igual a quarta, que é igual ao sábado; todos os dias não acontecem nada e o tempo é meio morto*”. Essa deve ser numa rotina orgânica, com movimento, onde, se cada idoso romper com seu isolamento, teremos um encontro diário numa miríade de culturas e saberes populares de uma geração reunidos em um só canto.

Para tanto, devemos compreender dois conceitos que problematizam a vida destes idosos: a *vulnerabilidade biológica*, aqui descrita como doença, e a *vulnerabilidade social*.

Segundo Torralba (2009), a doença supõe uma mudança na vida da pessoa humana, uma mudança ou mutação que não se refere somente à estrutura somática do ser humano, mas também à sua integridade. No plano da corporeidade, a doença altera profundamente a percepção da própria materialidade. A expressão do rosto, o corpo pesado, a cor pálida da pele, o desabamento das extremidades, etc.

Esta mudança corpórea pode ser confundida como as características do próprio ambiente da instituição. Muito comumente um indivíduo que caminha até um local como este, ou até um hospital, pode conjecturar: eu não gosto desse ambiente, pois ele tem um aspecto doente. No entanto, a doença como vulnerabilidade biológica é algo exclusivo ao reino animal, incapaz de se manifestar, literalmente, em algo inanimado. Portanto, para trabalhar a promoção da saúde em uma Instituição de Longa Permanência de Idosos, podemos partir da transformação da percepção física do idoso, tanto de si mesmo quanto de quem o enxerga, além do próprio ambiente, que deve transparecer esta mudança.

Muitas de nossas ações tinham este sentido, como: oficinas de pintura e exposição das artes para dar cores às paredes sépticas; oficinas de ‘embonitamento’ (batizada por uma idosa do grupo), para retrabalhar a expressão física da enfermidade em autoestima e saúde; estimular os talentos locais, como pandeiristas, batedores de prosa e comediantes naturais, para que estes transpusessem seu isolamento e



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

compartilhassem as mais diversas habilidades para todos. Através dessas ações temos o potencial de mudar completamente o aspecto “doente” de um ambiente, compreendendo que o que define este aspecto são os planos da corporeidade de cada um somados no seu coletivo.

Antes que as rotinas das Instituições de Longa Permanência de Idosos possam acontecer desta forma, encontramos uma série de dificuldades que podem representar a adaptação ao envelhecimento. Podemos analisar isso nas teorias intercomunicantes entre a obra antes citada do sociólogo alemão Nobeit Elias (2001), *A Solidão dos Moribundos*, com a conceituação de *vulnerabilidade social* de Francesc Torralba (2009).

A sociedade é o lugar de realização da pessoa humana. Toda pessoa, precisamente por ser pessoa, constitui-se e se realiza em íntima interação com outros seres humanos e cria com eles sociedade, ou seja, *polis*, comunidade, comunhão de vida. A relação interpessoal pode desenvolver-se no plano da amizade, do amor, do respeito e da contemplação, mas também cabe a possibilidade real que se desdobre no plano da violência e da instrumentalidade. Quando isso ocorre, o sujeito entendido como cidadão ou agente social sofre vulnerabilidade social (TORRALBA, 2009).

Constantes são os relatos de abandonos familiares que ouvimos durante uma atuação nesta instituição. O que encontramos mais frequentemente foi: “*Vim até aqui só para uma consulta médica e aqui estou até hoje*”. Alguns destes idosos passam pelo sofrimento incessante de reviver este trauma todos os dias pelo resto de sua vida. Durante nossa experiência, identificamos vários casos de idosos que todos os finais de tarde preparam seus pertences para irem embora acreditando que a família irá buscá-los, ou ainda os que quando conversam com alguém pedem para telefonar para seus filhos, pois o “médico” não veio e que este já pode vir para levá-los para casa. Para estes idosos, o dia em que foram institucionalizados foi um divisor de águas entre toda a sua história e uma nova rotina que vem passando sem a construção de história alguma.

Este abandono de um indivíduo em *vulnerabilidade biológica* que se torna a causa de uma *vulnerabilidade social* é o principal motivador ao pensarmos nossas ações de promoção da saúde, não através da assistência técnico-especialista como futuros enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, terapeutas ocupacionais ou até mesmo



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

juristas, mas através do estímulo da autonomia deste sujeito institucionalizado para empreender em sua própria qualidade de vida.

Precisamos refletir e problematizar a realidade. Por mais que a vivência tenha grande valor, sem a reflexão ela se torna vaga, tudo é passível a mudanças e precisamos encarar o processo de transformação como norte em nossa prática, não devemos nos conformar e aquietar. Seguindo essas observações adentramos no conceito de práxis proposto por Paulo Freire: “A práxis, porém, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1983, p.40).

Estamos percorrendo caminhos para alcançar o que é, talvez, o maior inédito viável de nosso trabalho: Integrar nossa metodologia, caso seja reconhecida como uma proposta diferenciada, aos diversos níveis da gestão da instituição, aos cuidadores e gestores, para que houvesse continuidade da nossa iniciativa mesmo quando não estivéssemos lá, para resgatar e valorizar a importância de cada idoso envolvido no processo.

Segundo Boff (2012), partimos do fato de que o ser humano é, por sua natureza e essência, um ser de cuidado. Sente a predisposição de cuidar e a necessidade de ser ele também cuidado. Cuidar e ser cuidado são existenciais (estruturas permanentes) e indissociáveis. É notório que o cuidar é muito exigente e pode levar o cuidador ao estresse. Especialmente se o cuidado constitui, como deve ser, não um ato esporádico, mas uma atitude permanente e consciente. Somos limitados, sujeitos ao cansaço e à vivência de pequenos fracassos e decepções. Sentimo-nos sós. Precisamos ser cuidados, caso contrário, nossa vontade de cuidar se enfraquece. Assim, cria-se o que o pediatra R. Winnicott chama de “holding”, e quando este espírito de cuidado reina, surgem relações horizontais de confiança e de mútua cooperação, se superam os constrangimentos, nascidos da necessidade de ser cuidado.

Certamente, estreitar o laço com os cuidadores deve potencializar o resgate da autonomia e da participação por parte dos idosos, porque eles estão inseridos na instituição de modo integral na realidade de todos os dias. Acreditamos que os

ISBN: 978-85-93416-00-2



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

cuidadores, carregam consigo grande potencialidade e nos juntando a eles conseguimos alcançar outro nível de efetividade em nossos objetivos, transcendendo barreiras que não refletissem apenas quando estivermos presentes, mas para sempre.

4. Conclusão

O homem é um animal dotado de vulnerabilidades. Ele, um animal político, conceituou e estruturou a sociedade de forma adaptar a natureza através do trabalho e cultura. No entanto, ao longo de sua existência a cultura foi demasiadamente transformada em bens de produção e bens de consumo, sendo atribuída a ela uma lógica que não mais o preparava para se adaptar à natureza em seu estado mais primitivo, mas a elaborar a natureza em algo novo que acalenta suas vulnerabilidades de formas frágeis e fugazes.

Justamente por isso, o homem, como compensação de suas carências, constrói uma natureza artificial que envolve um novo conjunto de normas. Nesta nova dinâmica, o homem tem cada vez mais dignificado a dimensão do trabalho, no entanto, o trabalho não tem dignificado ao homem. Logo, novos tipos de vulnerabilidade o atingem e se alojam através das interações sociais, pois neste tipo de coletividade o desconhecimento do outro é um traço evidente e a desconfiança torna-se uma relação habitual.

Uma vez que o homem se desumaniza e adocece, o ato do cuidador toma uma proporção de destaque. O ser humano necessita cuidar de outro ser humano para realizar sua humanidade, para crescer no sentido ético do termo. Mas, da mesma forma, necessita do cuidado de outros para alcançar sua plenitude, ou seja, para superar as barreiras e as dificuldades da vida humana. Na ação de cuidar ele se humaniza e assumindo plenamente esta ação, transcende as relações da sociedade que o adocece.

Como afirma Torralba (2009), é o cuidado e não a cura o que os vulneráveis valorizam, consciente ou inconscientemente.

Entretanto, exercer a promoção da saúde não apenas levando em conta o adoecimento biológico, mas assumindo a postura de educador-educando, comprometido



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

com o processo de libertação é um ato político de luta importante. Garantir que o sujeito seja empoderado para a tomada de decisões, rompendo seu isolamento social para multiplicar os agentes de transformação, é o que Paulo Freire define como amor nas relações educativas com o mundo.

Acreditamos que toda essa experiência nos deixou mais sensibilizados, quanto ao cuidado junto aos idosos. Fez que com adquiríssemos um “molejo”, ou seja, maleabilidade para planejar estratégias e colocá-las em prática, levando em consideração o contexto multifacetado que vivenciamos dia-a-dia, por vistas a promoção da saúde e de um envelhecimento socialmente ativo.

Percebemos ainda, quão frágil são as iniciativas de estímulo à participação social e, portanto, da quantidade de trabalho que ainda temos pela frente, ao viabilizar o envelhecimento digno. De “sonhação” e luta vamos fortalecendo à caminhada, a partir da extensão, demos os primeiros passos para um novo modelo de sociedade, uma extensão que se preocupa com as classes populares e marginalizadas da sociedade, vivida como um trabalho social útil. Uma academia compromissada com as vulnerabilidades sociais e a emancipação dos sujeitos.

Dentre nós, o grupo popular que passa pelo processo do envelhecimento tem sofrido as consequências de perder a capacidade produtiva perante o modelo do capital. Exilados da sociedade civil, processualmente são privados de participar da *práxis* humana e caem em profundo silêncio.

Configura-se em uma das lutas da extensão popular, o resgate dos saberes ancestrais para a prática da alteridade. Através da experiência intergeracional, resignificar o papel social do idoso e do jovem, valorizando suas histórias e suas memórias para garantir o processo educativo durante toda a vida.

Todo tipo de conhecimento só é gerado a partir desta interação e conflito, de duas ou mais experiências diferentes. Este promove, dentre outros aspectos, o enfrentamento da realidade que causa um misto de sentimentos, mas busca visualizar um futuro digno. Se importar com o envelhecimento perante as normas do capital,

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

mesmo ainda não tendo chegado nosso “tempo” é desafiador, sabemos que isto numa dimensão global é utopia, no entanto percebemos o quão motivador e substancial é que todos nós possamos acreditar nas potencialidades que cada um carrega consigo em quaisquer momentos da vida.

Afinal, uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu (BOSI, 2003 p. 69).

5. Referências

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**/ Ministério da Saúde. – 2a. ed. rev. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2006.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FORPROEX, **Extensão Universitária: Organização e Sistematização**/ Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Belo Horizonte. Coopmed, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. (1983). 13.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. (Coleção O Mundo, Hoje, v.21).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra .1987

LIMA, Ray. **Lâminas**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão Popular**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2006, vol. 1

ISBN: 978-85-93416-00-2



Apóio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

TORRALBA ROSELLÓ, Francesc. **Antropologia do Cuidar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VASCONCELOS, Eymard Mourão de. **Espiritualidade no trabalho em saúde**. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2011.

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2